

O USO DE ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PARCERIA POSSÍVEL

Antônio Carlos Monteiro de Miranda
Universidade Estadual de Maringá
acmmiranda@uem.br

Marcelo de Oliveira
Universidade Estadual de Maringá
pg403381@uem.br

Beatriz Ruffo Lopes
Universidade Estadual de Maringá
biaruffo@gmail.com

RESUMO: A presente pesquisa teve como objetivo analisar como a vivência de atividades diversificadas fora do espaço escolar (espaços públicos e privados) em uma turma de quinto ano do ensino fundamental de uma escola integral no município de Nova Esperança- PR pode contribuir para a formação dos estudantes. A coleta de dados foi realizada com 22 alunos entre 10 e 14 anos de idade de ambos os gêneros. As práticas escolhidas para a pesquisa foram: natação, atletismo, dança, musculação, caminhada/trilha e lutas, conteúdos esses baseados na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e CREP (Currículo da Rede Estadual Paranaense), a partir de doze momentos de intervenção seguindo o modelo de duas aulas de cada modalidade. Os dados foram registrados por meio de diários de campo durante todos os encontros. Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Como resultados verificamos que as intervenções que aconteceram fora dos muros da escola foram demarcadas por aspectos que enriqueceram o processo formativo dos alunos, tais como: entusiasmo com os espaços ‘diferentes’ do ambiente escolar, pelo desafios e superação de experiências corporais, bem como pela demonstração de interesse engajamento do aluno com diversas práticas corporais não tradicionais no contexto da educação física escolar.

Palavras-chave: Educação Física. Espaços. Intervenção.

THE USE OF PUBLIC AND PRIVATE SPACES FOR SCHOOL PHYSICAL EDUCATION CLASSES: A POSSIBLE PARTNERSHIP

ABSTRACT: This research aimed to analyze how the experience of diversified activities outside the school space (public and private spaces) in a fifth grade elementary school class of a full-time school in the municipality of Nova Esperança-PR can contribute to the formation of students. Data collection was carried out with 22 students between 10 and 14 years old of both genders. The practices chosen for the research were: swimming, athletics, dancing, bodybuilding, walking/hiking and fighting, contents based on the BNCC (National Common Curricular Base) and CREP (Curriculum of the Paraná State Network), from twelve moments of intervention following the model of two classes of each modality. Data were recorded through field diaries during all meetings. Data were analyzed using Content Analysis by Bardin (2016). As a result, we verified that the interventions that took place outside the school walls were marked by aspects that enriched the students' formative process, such as: enthusiasm for the 'different' spaces of the school environment, for the challenges and overcoming of bodily experiences, as well as for the demonstration of interest student engagement with various non-traditional body practices in the context of school physical education.

Keywords: Physical Education. Local. Intervention.

1 INTRODUÇÃO

A função social da escola é formar sujeitos que possam lidar com os desafios sociais, culturais, históricos e políticos. Como espaço de educação formal, o ambiente escolar serve como base de aquisição de saberes, pautados em práticas planejadas, sistematizadas e pensadas previamente com o objetivo de contribuir na organização da sociedade e para o processo de ensino e aprendizagem, além de se constituir como pilar da socialização pública das crianças (LIBÂNEO, 1990; SARMENTO, 2006). Para isso, muitas são as disciplinas curriculares que – a partir de suas especificidades – passam a contribuir nesse papel formador e, dessa forma, neste artigo, destacamos educação física escolar, foco desta investigação, como disciplina que oferece inúmeras possibilidades formativas aos alunos, ao permitir o acesso a um vasto universo cultural, compreendendo saberes corporais, experiências estéticas, afetivas, lúdicas e agonistas (BRASIL, 2018).

A educação física, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) documento que orienta e atravessa etapas e modalidades de ensino básico no Brasil, salienta que a educação física escolar, por meio das práticas corporais - e suas diversas formas de codificação e significação social – é uma disciplina constituída pelo caráter lúdico:

Ao brincar, dançar, jogar, praticar esportes, ginásticas ou atividades de aventura, para além da ludicidade, os estudantes se apropriam das lógicas intrínsecas (regras, códigos, rituais, sistemáticas de funcionamento, organização, táticas etc.) a essas manifestações, assim como trocam entre si e com a sociedade as representações e os significados que lhes são atribuídos (BRASIL, 2018, p. 220).

Dessa forma, ao reconhecer essa pluralidade de conteúdo que perpassa a educação física na escola consideraremos, também, a necessidade de operacionalizar possibilidades diferenciadas de trabalho com a disciplina no sentido de problematizar uma prática comum da educação física escolar a qual os alunos executam determinadas atividades sem sentido e significado formativo - o chamado 'rola bola' (DARIDO, SANCHES NETO, 2005). Faria (2014) destaca que o 'rola a bola' nas aulas de educação física produz uma nova relação social, fundada no poder, entre os alunos e professores, em que os estudantes passaram a dominar a aula, escolhendo métodos e conteúdos e, conseqüentemente, a resistir a qualquer tipo de intervenção pedagógica por parte do docente.

Contudo, a diversificação de possibilidades pedagógicas na educação física escolar enfrentado desafios relacionados à carência das instalações, espaços e materiais que, conforme destacam Damazio e Silva (2008), são fatores que interferem significativamente nos trabalhos pedagógicos e os esforços dos professores podem fracassar caso não encontrem espaços e condições materiais para concretização de seus planos de trabalho. As autoras também destacam que os espaços e as condições disponíveis merecem ser adaptadas, reinventadas e criadas, caso contrário, isto que as pesquisadoras denominam como descaso com a escola pública reflete diretamente no trabalho docente (DAMAZIO; SILVA, 2008).

Dito isto, consideramos nessa investigação que o acesso a experiências de práticas corporais diversas as quais extrapolam o tradicional ambiente escolar¹ é uma forma não somente de valorizar a pluralidade de conteúdos que abarcam a proposta da educação física na escola, mas também de potencializar variadas experiências corporais que enriquecem o processo formativo

¹ Vale ressaltar que a pesquisa realizada não visou substituir as atividades realizadas no ambiente escolar, seja na sala de aula, na quadra ou outro espaço interno escolar, mas, sim, contribuir para que os alunos pudessem vivenciar atividades curriculares de forma diferente e em espaços diferentes do ambiente escolar, ou seja, fora dos muros da escola, proporcionando novas experiências e um complemento dos conteúdos trabalhos na escola.

do aluno. Assim, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar como a vivência de atividades diversificadas fora do espaço escolar (espaços públicos e privados) em uma turma de quinto ano do ensino fundamental de uma escola integral no município de Nova Esperança- PR pode contribuir para a formação dos estudantes. De modo específico, buscamos diagnosticar a realidade dos estudantes por meio das possíveis vivências anteriores e o conhecimento prévio da turma referente as atividades abordadas; propiciar a prática de atividades corporais e esportivas fora do ambiente escolar visando uma aproximação dos estudantes a modalidades ainda não vivenciadas; problematizar as questões ligadas à prática de atividades corporais e esportivas fora do contexto escolar e os aspectos observados durante a ação interventiva.

Assim, essa investigação se caracteriza metodologicamente como pesquisa qualitativa e exploratória (GIL, 2008) de campo de caráter interventivo (LAKATOS; MARCONI, 2010; DAMIANI, 2012). Realizamos a experiência com 22 alunos de quinto ano², de uma escola municipal integral do município de Nova Esperança- PR³, com idade entre 10 e 14 anos, ambos os sexos, sendo 11 meninos e 11 meninas⁴, e para preservar a identidade dos participantes, foi utilizada a nomenclatura em numerais. Para seleção das atividades, buscamos partir de modalidades que pudessem ser realizadas fora do ambiente escolar, considerando o ineditismo para a maioria dos alunos e conteúdos que abrangessem uma maior diversidade de vivências apresentadas em documentos que orienta e normatizam a o sistema educacional brasileiro. Assim, as práticas escolhidas para a pesquisa foram: natação, atletismo, dança, musculação, luta e caminhada/trilha.

2. AUSÊNCIA E PRESENÇA DE ESPAÇOS FÍSICOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O trabalho com o Ensino Fundamental Anos Iniciais demanda uma organização bastante específica, considerando a faixa etária dos alunos, o mobiliário utilizado, os materiais didáticos

² Salientamos que a amostra foi composta por todos os alunos da turma e que a frequência se deu durante todos os encontros, as ausências se deram apenas em algumas aulas por poucos alunos e não foram identificadas desistências durante a pesquisa.

³ Primeiramente, apresentamos a proposta de pesquisa ao secretário municipal de educação e a diretora escolar e, posteriormente, solicitamos a autorização da realização da pesquisa.

⁴ A pesquisa foi submetida ao comitê de ética por meio do processo CAAE (Certificado de apresentação para Apreciação Ética) nº 53501221.3.0000.0104, obtendo aprovação através do parecer nº 5.257.403.

disponíveis, o ambiente em que as aulas são realizadas. Esse último aspecto merece grande atenção por parte dos trabalhadores da Educação, sobretudo porque é fundamental um ambiente adequado para a realização de um bom trabalho. A preocupação com o espaço e o investimento nas instituições escolares iniciaram há algum tempo. Podemos citar Anísio Teixeira que, já na primeira metade do século XX, chamava a atenção para a necessidade de investimentos na Educação, de modo que os objetivos educacionais fossem atingidos. O autor escreveu: “Não há como fazer educação barata – como não se pode ganhar uma guerra barata. Se for nossa defesa que estamos construindo, o seu preço nunca será demasiado caro, pois não há preço para sobrevivência” (TEIXEIRA, 1971, p. 142).

O excerto revela a importância dos investimentos em relação à área educacional, o que inclui os prédios e os seus espaços. Se torna mais difícil e desafiador realizar um bom trabalho na disciplina de Educação Física se não houver um ambiente apropriado. Prandina e Santos (2016) estabelecem que a precariedade de materiais e de infraestrutura para o desenvolvimento das aulas de Educação Física escolar tem sido um dos maiores desafios para a área e gera, como consequência direta, a desmotivação dos alunos em participarem das atividades propostas pelos professores das disciplinas. Ao discutirmos a precariedade de algumas instituições escolares, não é raro nos depararmos com a falta de quadras esportivas nas escolas públicas, presença de pátios arejados e espaçosos, área externa ampla ou, quando existem, encontram-se em alto grau de deterioração, impactando diretamente na forma como os alunos se apropriam e compreendem a importância da Educação Física no projeto de escolarização (CARVALHO; BARCELOS; MARTINS, 2020).

Entendemos que um espaço adequado e materiais específicos para a prática das aulas de Educação Física são aspectos importantes para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. No entanto, é válida a reflexão de que a ausência de espaços e instrumentos específicos não pode ser um marcador da quebra de qualidade nas atividades da referida disciplina. Não podemos, a partir da falta desses componentes, inferiorizar a prática de Educação Física nas instituições públicas de ensino. Por meio de muitos exemplos, já foi constatado que o professor tem autonomia e capacidade para se reorganizar em relação à sua atuação e as atividades, buscando realizar as práticas que são fundamentais para o desenvolvimento dos alunos.

Souza Lima (1998, p. 31) faz uma dura crítica aos projetos escolares que acabam deixando de lado a construção de espaços específicos para a possibilidade de diversas atividades, incluindo as da Educação Física, quando afirma: “O espaço físico é material riquíssimo e está sendo totalmente desprezado. Nos projetos de construções escolares não há lugar para bibliotecas, laboratórios e quadras de esportes, o que limita as possibilidades de aprendizado”. Nesta mesma direção, Tenório, Tassitano e Lima (2012, p. 312) expressam que a disciplina de Educação Física, assim “[...] como as demais disciplinas, tem uma demanda por espaços e materiais específicos, dentre eles a quadra/ginásio/pátio para o desenvolvimento dos conteúdos”. Grande parte das atividades deste componente curricular precisa de um ambiente arejado, espaçoso e em boas condições para a realização de suas práticas.

Os autores continuam descrevendo que “[...] A ausência e a pouca qualidade de espaço físico e de instalações para o ensino da Educação Física podem ser compreendidas sob dois aspectos: a não valorização social dessa disciplina e o descaso das autoridades para com a educação destinada às camadas populares” (TENÓRIO; TASSITANO; LIMA, 2012, p. 312). Neste sentido, é fundamental que o poder público volte a atenção para os espaços das instituições escolares, possibilitando ambientes adequados para a realização das aulas, de modo a garantir a segurança de professores e alunos além de que as atividades sejam desenvolvidas de maneira responsável.

Gomes (2019) realizou um estudo em que analisou a estrutura escolar e os materiais presentes em quatro escolas (três públicas e uma privada) do município de Raposa/MA, refletindo acerca do desinteresse dos alunos frente às circunstâncias presentes dentro da escola. Participaram desse estudo – por meio de questionário – quatro professores de Educação Física, quatro gestores de escola e 105 alunos do Ensino Fundamental. O autor destacou que “[...] a disciplina de Educação Física necessita de um espaço específico e igualmente como as demais disciplinas, carece de materiais didáticos para a execução das aulas práticas e teóricas” (GOMES, 2019, p. 49).

Em caráter conclusivo de sua pesquisa, Gomes (2019, p. 49) constatou que “[...] a falta de infraestrutura, manutenção e de materiais interfere na prática pedagógica do professor de Educação Física, gerando a desvalorização e insatisfação dos alunos”. Essa informação é importante para nossa reflexão, sobretudo por considerarmos basilar as condições de materiais e

ambientes para as práticas de Educação Física. Um problema que pode ser encontrado por docentes de Educação Física ao longo da sua trajetória de atuação é a necessidade de improvisar as suas aulas, atividades e práticas. Esse improvisado pode gerar, com alguma frequência, a perda de qualidade para tais atividades, inclusive – muitas vezes – fazendo com que o professor não atinja seus objetivos e metas escolares.

Por isso é tão necessária adequação dos materiais para a realização das aulas de Educação Física, todos os detalhes precisam ser previamente planejados, com o intuito de potencializar as aulas. Nesta direção, Gomes (2019, p. 50) explicita que a escola necessita de infraestrutura de qualidade para seus alunos, a partir “[...] da melhoria das condições, pode-se observar uma maior motivação dos alunos, maior participação no âmbito escolar e a promoção da vontade de aprender”.

Carvalho, Barcelos e Martins (2020), em estudo realizado em uma escola pública de Miranorte/TO, revelam que a falta de ambientes adequados para o exercício da disciplina de Educação Física força a improvisação por parte dos professores, “[...] igualmente precária, de outros espaços para a realização das aulas práticas, como forma de mitigar os efeitos oriundos das condições externas: calor e/ ou chuva, terreno acidentado etc.”, os autores continuam afirmando que o esforço do professor em propor alternativas para o processo de ensino e aprendizagem da Educação Física “[...] precisa ser valorizado e, ao mesmo tempo, problematizado sob os riscos de naturalização dessa condição inadequada”. Ainda trazemos para a reflexão uma pesquisa realizada por Oliveira, Silva e Neto (2011, p. 08) em que os autores avaliaram as dificuldades de docentes da disciplina de Educação Física em relação ao espaço físico:

Foi possível compreender que os professores de EF sentem dificuldades de desenvolver determinados conteúdos da cultura corporal na escola, tais como, dança, lutas, ginástica, por conta de inexistência de locais e de materiais específicos referentes a essas práticas. Dessa forma, os docentes limitam-se aos conteúdos esportivos, dado aos equipamentos que a escola oferece para essa temática.

O excerto deixa evidente que um local inapropriado para a realização das aulas de Educação Física é bastante prejudicial para o processo de ensino e aprendizagem, no sentido de diminuir a qualidade e as possibilidades de ações na disciplina, sendo assim, percebemos o quão

importantes se tornam as parcerias realizadas entre a escola, os agentes públicos e privados do município, contribuindo para que a questão de falta de espaço apropriado e materiais adequados sejam minimizados e proporcionando aos participantes condições melhores para a vivência corporal, sendo uma extensão do que é oferecido na escola, ampliando e gerando novos conhecimentos aos envolvidos. As possibilidades de parcerias se tornam possíveis quando a direção escolar, professores, pais/mães/responsáveis e alunos objetivam os mesmos propósitos, iniciando um planejamento e um levantamento de quais atividades fora da escola seriam possíveis, bem como locais acessíveis e responsáveis pelos locais, para assim iniciar o processo de parceria, em que todos saem ganhando, principalmente os alunos.

3. A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR FORA DA ESCOLA: DELINEAMENTO DAS ATIVIDADES

Nossa pesquisa constituiu em proporcionar vivências fora do ambiente escolar, porém, sempre seguindo conteúdos propostos pelos documentos que regem a Educação no estado do Paraná, sobretudo a disciplina de Educação Física. Para elaboração do planejamento das atividades, identificamos, primeiramente, quais eram as práticas possíveis para a realização da pesquisa, ou seja, na realidade local dos professores (que realizaram a pesquisa), dos alunos. Assim, optamos como ponto de partida, orientações expressas na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) por ser o documento mais recente que norteia as práticas pedagógicas escolares no Brasil.

A BNCC é um documento de caráter normativo “[...] que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” esse aspecto tem como objetivo assegurar os direitos dos discentes em relação a “[...] aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) ” (BRASIL, 2017, p. 07). Vale destacar que a BNCC está orientada por “[...] princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) ” (BRASIL, 2017, p. 07). Neste sentido, trata-se de uma normativa direcionada para a formulação dos

currículos dos sistemas e das redes escolares que compõem os Estados, o Distrito Federal e os Municípios do nosso país. A BNCC é apresentada de forma didática, possibilitando o acesso aos aspectos específicos de cada etapa da Educação e também de cada componente curricular. Há uma seção intitulada “Educação Física no Ensino Fundamental – Anos Iniciais: unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades” que auxiliou nas descrições feitas na sequência.

É válido ressaltar que

[...] a Educação Física, aliada aos demais componentes curriculares, assume compromisso claro com a qualificação para a leitura, a produção e a vivência das práticas corporais. Ao mesmo tempo, pode colaborar com os processos de letramento e alfabetização dos alunos, ao criar oportunidades e contextos para ler e produzir textos que focalizem as distintas experiências e vivências nas práticas corporais tematizadas. Para tanto, os professores devem buscar formas de trabalho pedagógico pautadas no diálogo, considerando a impossibilidade de ações uniformes (BRASIL, 2017, p. 224).

Assim, contrariando um tradicional imaginário social, a Educação Física não trabalha apenas com aspectos corporais e esportivos, mas tem grande impacto no desenvolvimento das demais atividades que são realizadas nas escolas, potencializando e auxiliando no aprendizado de outros conhecimentos e disciplinas, como forma de contribuir para uma formação mais ampla. Esse argumento é referendado por Santos, Marcon e Trentin (2012, p. 572) quando avaliam que a inserção da Educação Física na área de linguagens pode contribuir para o seu desenvolvimento nessa perspectiva de ensino, uma vez que essa área privilegia a aquisição e o desenvolvimento “[...] de competências gerais relacionadas à representação, à comunicação, à investigação, à compreensão e à contextualização sociocultural, de modo que os alunos conheçam e saibam usar diferentes linguagens em distintas situações e contextos”.

A Educação Física, nos Anos Iniciais, está organizada em Unidades Temáticas, a saber: Brincadeiras e Jogos; Esportes; Ginásticas; Danças; Lutas; e Práticas Corporais de Aventura (BRASIL, 2017). Dessa forma, com a finalidade de organizar as vivências com alunos, partimos dessas unidades temáticas relacionadas à educação física, descritas na BNCC e estruturamos os encontros, conforme descrito do quadro 1:

UNIDADE TEMÁTICA	PRÁTICA CORPORAL	PRÁTICAS
Esportes/ Brincadeiras e Jogos	Atletismo	- Conhecer a pista de Atletismo; - Breve histórico das modalidades, em um contexto geral; - Prática das provas de 100m rasos, 400m rasos, salto em distância, arremesso de peso, lançamento do dardo.
	Atividade aquática/ natação	- Conhecer a piscina de uma academia; - Breve histórico da Natação; - Realizar a prática de contato com o meio líquido na piscina; - Vivência de atividades e brincadeiras aquáticas; - Realizar a iniciação ao Nado Livre.
Práticas Corporais de Aventura	Práticas corporais de aventura na natureza: caminhada	- Conhecer o Jardim Botânico de Nova Esperança- PR; - Breve histórico do Jardim Botânico; - Realizar uma caminhada pelo trajeto dentro do Jardim, de 1500m. - Praticar uma trilha em meio às árvores.
Danças	Dança Jazz	- Conhecer o espaço na academia destinado às aulas de Dança; - Conhecer movimentos e passos das danças urbanas - Montagem coreográfica.
Ginástica	Condicionamento físico- Musculação	- Conhecer o espaço na academia destinado à prática de Musculação; - Conhecer os aparelhos existentes na academia; - Conhecer na prática, alguns exercícios realizados na Musculação.

Quadro 01 - Atividades que foram desenvolvidas durante o processo de intervenção.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim, conforme ilustrado no quadro 1, as práticas escolhidas para a pesquisa foram: natação, atletismo, dança, musculação, luta e caminhada/trilha. Foi realizada uma reunião individual com cada responsável de cada modalidade escolhida para a pesquisa, em que o projeto foi apresentado, discutido e aceito.

4. ATIVIDADES COM CONTEÚDO DE DENTRO, MAS FORA DA ESCOLA

As intervenções de atletismo (modalidade que contempla a unidade temática de esporte apresentada pela BNCC) foram ministradas em parceria com o técnico esportivo responsável pela modalidade, que faz parte do quadro de funcionários da prefeitura. Primeiramente, foi realizada uma conversa com os estudantes, repassando informações a respeito do atletismo, destacando algumas provas que existem, o histórico, e as provas que seriam contempladas na intervenção. Os

participantes do estudo mencionaram que nas aulas de educação física, o atletismo acontece, porém, com materiais adaptados e em espaço não adequado. Na pista de atletismo, eles puderam conhecer e utilizar alguns aparelhos que não possuem na escola, equipamentos profissionais, e dispuseram de espaço adequado para as atividades de corridas longas, arremessos, lançamentos e saltos.

Durante as atividades de intervenção com a modalidade foi possível observar que embora os alunos de alguma forma já haviam acessado a prática do atletismo, houve demonstrações de encantamento e surpresa com o espaço físico apropriado para prática: “Nossa, como é grande aqui dentro, a gente vai ter que correr tudo isso, professor?” (Aluna 01).

Uma das atividades realizadas do atletismo foi a saída baixa para a corrida, vale o destaque feito por uma das alunas (12): “essa atividade (largada do atletismo) a gente nunca fez com a professora de educação física”, se referindo à aula na escola, o aluno (22) complementou: “É verdade, a gente nunca fez... quando a gente corre na aula, a gente começa de pé”. Assim, é possível perceber a importância de novas vivências com conteúdo plurais e até mesmo a retomada da técnica, uma vez que na escola, a falta de tempo pode dificultar o trabalho do docente em aprofundar alguns temas⁵ ou até mesmo pela ausência de espaço adequado.

No que se refere às atividades de dança, diferentemente do atletismo, trata-se de uma prática corporal pouco vivenciada na escola. Por isso, na experiência com alunos houve a necessidade de uma conversa inicial na busca de incitar reflexões acerca dessa escassez do ensino da dança na escola. Nesse debate, os alunos expuseram que a escola possui um espaço chamado ‘sala da dança’, o qual em um período acontece a oficina da modalidade, porém, apenas as meninas participam e os meninos fazem oficina de luta, ou seja, a turma é dividida entre meninos e meninas e cada grupo participa de uma prática diferente.

Ainda, ficou evidente principal fala entre os meninos da turma é a de que eles não gostam de atividades que envolvam a dança relacionando à prática apenas ao gênero feminino. Nessa situação foi sinalizado a eles que a dança é prática corporal e também uma linguagem artística que se manifesta por meio da expressão corporal (BRASIL, 2018; LÓDE NUNES, 2016), daí a

⁵ Lembramos que nas instituições escolares o docente de educação física dispõe de apenas duas aulas por semana.

importância em vivenciar a dança como um modo experienciar o corpo artisticamente. Essa percepção acerca da dança como prática generificada, relacionada apenas às mulheres, segundo Campos (2007) acaba afastando a possibilidade de homens inserirem nessa manifestação corporal, além de que essa divisão acaba por cercear a possibilidade de os alunos participarem de atividades diversas (CAMPOS, 2007; MARIANO; ALTMANN, 2016).

A prática foi iniciada com o aquecimento, os alunos espalhados pela sala sobre uma marcação no chão para delimitar o espaço de cada um. A professora à frente da turma demonstrou os movimentos, os alunos repetindo-os e o pesquisador pôde auxiliar e corrigir os movimentos dos alunos que tinham dificuldades. Foi passado aos estudantes alguns elementos corporais, tais como: perna cruzada, movimento de braço, giros e saltos, que seriam realizados durante a vivência. Ao final, a professora da escola de dança conduziu uma montagem coreográfica junto aos alunos os quais demonstraram surpresa com o resultado da experiência: “Caramba, eu achei que não ia conseguir dançar” (aluno 13) e a aluna (17) disse para a professora: “Professora, foi muito legal a aula, foi mais legal que a aula na escola”.

No que tange à experiência com capoeira, a intervenção foi conduzida por um professor convidado, o qual participou de forma voluntária, que não possui vínculo com o município, como recurso mecânico foi utilizado o tatame. O docente explicou sobre a capoeira, que é uma expressão corporal e cultural, seu desenvolvimento e descoberta se deu pelos escravizados no Brasil e era usada como uma maneira de defesa pessoal. Ao longo do diálogo foi comentado a respeito da importância do treinamento para o aprimoramento das técnicas utilizadas, devido a isso os escravizados “camuflavam” o treino desta modalidade era realizando uma roda envolvendo a dança, música, expressão corporal e os movimentos de artes marciais. Após explicações críticas e pedagógicas sobre a modalidade, foi realizado o aquecimento lúdico e atividades práticas no tatame, todos com movimentos relacionados aos fundamentos da capoeira.

Os movimentos conduzidos pelo professor de capoeira aos alunos, foram: agachamento, chute, gestos com as mãos, saltos e cambalhotas. Além desses fundamentos, também foram realizadas atividades de percepções rítmicas. Os alunos demonstraram surpresa com a modalidade, e comentários foram feitos, tais como: “eu achava que ia ser mais difícil fazer capoeira” (Aluno 09); “Não é difícil não, só a cambalhota que eu acho que fiz errado” (Aluna 17), no entanto, foi dito a ela que não foi errado, mas falta treino para conseguir realizar com

mais facilidade o movimento. Outros comentários foram expressos pelos alunos, como: “a estrelinha e a cambalhota a gente já fez na aula na escola”, aluna 02 se referindo ao conteúdo de ginástica realizado nas aulas de educação física. O aluno 21 comentou: “na aula passada eu não consegui fazer a estrelinha e hoje eu consegui” relatando a superação com entusiasmo. De modo semelhante aluna 12 comentou: “eu achei que era mais difícil fazer luta, mas eu consegui fazer sim”.

Esse posicionamento crítico dos alunos em relação à superação nas atividades é algo que pode ser construído a partir da modalidade. Nascimento e Almeida (2007, p. 93) explicam que: “Compreende-se que o trato pedagógico do componente lutas na Educação Física escolar deva comportar necessariamente aspectos da autonomia, criticidade, emancipação e a construção de conhecimentos significativos”. Com isso, entendemos que os conteúdos relativos podem auxiliar no desenvolvimento de capacidades basilares para o desenvolvimento humano.

A ginástica foi vivenciada a partir da ginástica de condicionamento físico (referência) e em específico com a modalidade da musculação em uma academia de ginástica. O professor da modalidade nos acompanhou neste dia, juntamente com a estagiária auxiliar da turma. De início o docente falou brevemente a respeito da musculação, que é uma atividade física bastante recomendada para melhoria da saúde das pessoas, que não tem contraindicação, mas sim planos de treinos diferenciados para cada praticante. A princípio, os aparelhos da academia foram apresentados, explanando dos grupos musculares trabalhados e o nome dos equipamentos. Foram apresentados alguns objetos que são utilizados durante um treinamento, sendo eles: as barras, anilhas, halteres, presilhas, colchonetes e bancos, sendo de tamanhos e pesos diferentes, objeto de segurança e objeto de auxílio, foi exposto sobre a importância de estar acompanhado de um profissional durante os exercícios e também a responsabilidade que os alunos deveriam ter enquanto estivessem no espaço da prática para evitarem acidentes.

Conforme o professor explicava a realização do movimento e o nome da musculatura envolvida no exercício, íamos mostrando aos alunos o local do corpo que estava o músculo e como executava o movimento. No momento em que demonstramos a prática de um exercício em um dos aparelhos, a aluna 01 disse: “Nossa professor, parece que dói”, se referindo ao peso utilizado no exercício, e respondemos que se executado utilizando pouco peso, não teria problema com dor, mas que sim, após o exercício dói um pouco mas é suportável. Essa percepção

expressa envolvem temas como fisiologia do exercício que podem ser problematizados nas aulas de educação física escolar.

Após a demonstração de todos os aparelhos e explicações, os alunos puderam realizar alguns exercícios de menor complexidade e pesos bastante reduzidos para evitar uma possível lesão. Essa ação foi bastante lúdica, em que os participantes da pesquisa puderam vivenciar movimentos de uma prática inédita para eles. Vale ressaltar que os alunos foram acompanhados e instruídos por nós e por mais uma professora da academia, para que os movimentos fossem executados de maneira correta e sem perigo. Com isso, todos os alunos realizaram a vivência de diferentes exercícios e puderam perceber seu corpo. Enquanto fazia o exercício em um aparelho o aluno 15 disse: “Professor, eu achei que fosse mais difícil esse”, se referindo ao exercício. Já a aluna 11 enquanto realizava o desenvolvimento com halteres de 2 quilos cada, disse: “Nossa, com esse tá fácil, mas se pegar o maior não dá pra fazer”.

Após as vivências com musculação os alunos fizeram relatos de como se sentiram, a exemplo aluna 1 que disser entusiasmada: “Professor, eu aguentei levantar 10 quilos” se referindo a um halter deste peso que ela conseguiu levantar do chão, e de imediato, o participante 06 complementou: “e eu consegui puxar 30 quilos”, se referindo ao exercício do puxador. A aluna 18 relatou: “Muito legal a gente fazer todos esses exercícios, que bom que o professor está nos proporcionando essa aula diferente”. Essa fala vem expor que atividades diversificadas na Educação Física podem contribuir para o melhor aproveitamento desse componente curricular. Isso também foi constatado na pesquisa realizada por Massambani (2020) quando destaca que ao ouvir os alunos e utilizar metodologias diferenciadas, os estudantes passaram a participar com maior empolgação em suas aulas, aproveitando melhor as atividades. Isso também fez com que os resultados fossem alcançados de melhor forma, a partir da dedicação massiva dos discentes.

As atividades relacionadas aos jogos e brincadeiras, foram desenvolvidos de forma conjunta com uma modalidade esportiva, a natação. O espaço escolhido para as vivências foi uma academia que dispõe em sua estrutura uma piscina com 1m10cm de profundidade, portanto nenhum aluno ficaria submerso ou encoberto pela água, o que diminuiu o risco de afogamento. As atividades desenvolvidas pelo professor da academia foram: atividade de adaptação ao meio líquido, caça ao tesouro e atividade com bolas as quais se caracterizaram como jogos e brincadeiras, além de fundamentos específicos da natação como pernada do nado *crawl*,

mergulho e braçada com auxílio da prancha. Ainda, foi apresentado um vídeo para os alunos sobre a natação contendo os estilos, algumas regras, surgimento, nomes de atletas de alto nível do Brasil e do Mundo e os benefícios da prática da natação.

Ao se deslocar andando pela piscina, a aluna 18 disse que estava com medo, foi dado suporte a ela, até ela se certificar que não havia perigo e se acostumar com o meio líquido. A segunda atividade foi de andar pela piscina, porém, com a cabeça submersa, para também adaptação ao meio líquido submerso, vários alunos sentiram dificuldade, a aluna 11 disse: “Professor Marcelo, eu não vou afundar a cabeça, porque estou com muito medo” então foi orientado que utilizassem a barra para apoio, sendo uma mão segurando a barra e a outra tampando o nariz no momento de submergir. Outros relatos surgiram na experiência, como: “olha, o Bruno parece que está flutuando na água” (aluno 4). A aluna 2 destaca uma dificuldade: “Professor, nem na aula passada e nem nessa aula eu estou conseguindo fazer a pernada”, então com o auxílio do pesquisador e utilizando a prancha a aluna evoluiu bastante no movimento, abrindo um enorme sorriso ao final da atividade. Ao realizar o movimento de mergulho, a aluna 18, que na aula passada estava com muito medo de entrar na piscina disse: “Olha, professor, hoje eu não estou com tanto medo e consegui fazer o mergulho”.

Sobre o medo em atividades aquáticas, Chaves et al (2015, p. 881) expõem que ele é uma das emoções “[...] mais estudadas por ser uma emoção cognitivo-reativa, associada aos mecanismos de sobrevivência, e no caso da aprendizagem da natação pode gerar bloqueio ou atrasos na evolução do aluno, levando até ao abandono em algumas situações”. Esse medo precisa ter trabalhado ao longo das atividades que envolvem a adaptação ao meio líquido, de maneira que os alunos consigam ir se percebendo em um ambiente diferente e que precisa de cuidados básicos. Esse trabalho deve sempre priorizar o aspecto de as crianças vencerem seus medos, realizando as atividades de natação.

Por fim, a experiência de uma caminhada em trilha, a qual se enquadra em esportes de aventura, foi realizada junto aos alunos, em um espaço público com jardim e trilhas. Inicialmente, foi explicado que realizaríamos uma caminhada de 1,5km, onde deveriam respeitar o local, não pisar nas plantas e não se desviarem do trajeto. Inicialmente, explicamos o percurso a ser feito que é demarcado por *pavers* (peças pré-fabricadas em concreto com diferentes medidas) e que teríamos partes de subidas, descidas e todos iriam juntos ao mesmo ritmo. Conversamos da

importância da realização de atividade física, sobretudo de exercícios aeróbicos para as diferentes idades, e que a caminhada é um exercício de baixo impacto e traz vantagens para a saúde.

Cabe enfatizar que esta modalidade é uma atividade que proporciona bem-estar para seus adeptos, inclusive a prevenção de doenças. Weiss et al. (2012, p. 48) enfatizam: “A caminhada é entendida como algo benéfico, sendo de muita importância a sua realização para alguns tratamentos contra doenças, pelos seus variados benefícios”. Com isso, é fundamental informar sempre aos alunos acerca dessas benfeitorias que contribuem para uma melhor qualidade de vida, além de incentivá-los para sua realização.

Antes de iniciar a parte prática, o funcionário (que nos acompanhou durante todos os momentos) do jardim comentou que o local tem mais de mil espécies de plantas e árvores, e para receber essa denominação precisa ter ao menos 600 espécies. Realizamos um alongamento e fomos para a caminhada. Vários alunos nunca haviam estado naquele local, era visível o espanto por parte de muitos, devido a beleza e quantidade de árvores diferentes ao longo do caminho. Nossa ação aconteceu em aproximadamente 25 minutos, o servidor do Jardim nos acompanhou durante o percurso mostrando algumas espécies de árvores e pássaros aos participantes da pesquisa e comentou sobre o ar puro que respiramos naquele local, livre de impurezas e fumaças produzidas pela zona urbana da cidade.

Durante o percurso, o aluno (9) comentou: “Que diferente fazermos essa caminhada aqui no Jardim Botânico. É bem melhor do que na escola e na rua”. Aqui trazemos os escritos de Bento e Ribeiro (2010, p. 192) que expressam:

A prática de atividades na natureza pela Educação Física apresenta-se como um recurso de grande relevância, sendo a caminhada em trilhas ecológicas apenas uma das possibilidades de trabalho educativo, propiciando um momento de atividade física e contato com a natureza, aproximando o aluno do meio ambiente e permitindo, através dessa atitude, o nascimento de novas sensibilidades e acordos de ética e respeito.

Ainda, realizamos outra atividade de trilha na terra e depois o piquenique ao ar livre. Ao iniciarmos a trilha, a aluna (23) disse: “Nossa, que cheiro de natureza”, se referindo ao cheiro de ar puro das árvores. Chegamos a um local da trilha que tinha muita lama, por conta da chuva, então resolvemos retornar e ir por outro caminho e deu certo. No decorrer da atividade os alunos foram lendo as placas com os nomes das árvores que continham no caminho, algumas delas

foram: Pau D’alho, Café, Jaca e Peroba D’água. Os alunos não conheciam algumas delas e na identificação continha o país de origem. É importante pensar que essa ação pode dar lugar ao uso desse conhecimento em outras disciplinas escolares, de maneira que a interdisciplinaridade contribui para a formação dos alunos. Os nomes das árvores, por exemplo, podem ser utilizados na disciplina de Língua Portuguesa (ao analisar a sua escrita e emprego em frases e textos); Geografia (de modo a buscar onde há maior número dessas espécies de árvores no Brasil); Matemática (quando há a possibilidade de realizar problemas matemáticos com as operações básicas a partir da contagem das plantas) entre outros.

Durante vários momentos foi possível perceber o encantamento e a surpresa dos alunos quanto ao local da prática, pois muitos deles não conheciam e não sabiam que ali havia uma trilha tão legal para passear. De modo geral, encontramos pelo caminho: pontes, árvores, lama, terra, cimento, pedras e lago. Quase ao final da trilha, nos deparamos com um cipó, onde realizamos uma atividade de quem conseguiria ficar mais tempo pendurado, e o aluno 16 conseguiu o maior tempo suspenso. Ao finalizarmos, o aluno 7 comentou: “Professor, estou quase sem fôlego de tão cansado, mas foi muito legal a trilha”, ao lado dele, a aluna 12 disse: “é verdade, foi muito legal, poderíamos vir aqui mais vezes”.

Fabiano e Almeida-Scabbia (2022, p. 01) expressam que “O contato com o meio ambiente desde a infância é importante por promover a formação de atitudes positivas do indivíduo durante toda a vida”. Com isso, elencamos ser fundamental o acesso de crianças e adolescentes a atividades que proporcionam o contato direto com a natureza, seu reconhecimento, sua interação. Práticas assim acabam por contribuir para a criação de um pensamento crítico, de preservação do meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, consideramos a diversidade de possibilidades de práticas corporais que podem permear as aulas da educação física na escola, a partir de conteúdos e experiências que extrapolam o ambiente escolar. Para tanto, propusemos aos alunos do quinto ano do ensino fundamental experiências em vários ambientes (públicos e privados) que fazem da comunidade

em que vivem. No intuito de valorizar especificidades pedagógicas escolares, partimos das unidades temáticas classificadas BNCC as quais se desdobraram na seleção de práticas corporais, tais como: atletismo e natação (esporte/brincadeiras e jogos), dança jazz, musculação (ginástica), capoeira (lutas), caminhada em trilha (práticas corporais de aventura).

Partindo do pressuposto que na escola a disciplina de Educação Física tem seu planejamento realizado como o auxílio da BNCC, documento que rege os conteúdos escolares no estado do Paraná, esta pesquisa contribuiu de forma positivamente proporcionando aos alunos vivências diferentes das que são realizadas em seu cotidiano, visto que os conteúdos podem ser os mesmos trabalhados na escola, porém, de forma diferente, com espaços adequados e materiais específicos.

Como limitações encontradas na pesquisa, podemos citar: adequação para a realização das intervenções entre a escola e os órgãos públicos e privados, disponibilidade de ônibus e disponibilidade de datas e horários com os locais pré-escolhidos para as práticas, o não comparecimento à escola por parte de alguns poucos alunos em algumas intervenções e a organização da escola quanto às mudanças que foram necessárias no horário das aulas para adequar aos dias das práticas.

É válido destacar que as saídas dos alunos para locais “diferentes” do ambiente escolar são positivos e benéficos. Primeiramente que, por se tratar da escola integral, como no caso dessa pesquisa, os alunos não teriam a oportunidade de participar de muitas atividades realizadas nos locais públicos e/ou privados em horários aos quais estariam estudando, portanto, tal ação permite esse acesso em horário de aula. Outro benefício que podemos citar, se dá por meio das experiências vividas pelos discentes, pois as práticas corporais realizadas durante a pesquisa, em sua maioria, não acontecem no ambiente escolar.

A proposta de se trabalhar conteúdos diversificados nas aulas de Educação Física, busca acrescentar a formação do aluno por meio de novas experiências e novos conhecimentos. Para que as temáticas aqui tratadas sejam mais divulgadas, sugere-se que novos estudos sejam realizados, ampliando o enfoque dado nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. M. P. et al. Formação Continuada na prática pedagógica: a Educação Física em questão. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 245-262, out./dez., 2010.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3. reimp. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2016.
- BENTO, L. C. M; RIBEIRO, R. D.. Educação Física e Meio Ambiente: nas trilhas do ecoturismo – um estudo de caso no município de Indianópolis/MG. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, n. 01, v. 09, p. 183-194, jan./jul., 2010.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Presidência da República, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CARVALHO, J. P. Xi.; BARCELOS, M.; MARTINS, . L. D. R.. Infraestrutura escolar e recursos materiais: desafios para a Educação Física contemporânea. **Revista Humanidades & Inovação**, Unitins, v. 07, n. 10, p. 218-237.
- CHAVES, A. D. et al. O medo na aprendizagem da Natação. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, out./dez. 2015.
- CORREIA, W. Ro.. Educação Física Escolar: o currículo como oportunidade histórica. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, n. 30, v. 03, p. 831-836, jul./set., 2016.
- DAMAZIO, M. S.; SILVA, M. F. P.. O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão. **Pensar a prática**, v. 11, n. 2, p. 189-196, 2008.
- DAMIANI, M. F. **Sobre pesquisas do tipo intervenção**. In: ENDIPE – Encontro nacional de didática e práticas de ensino, 16., 2012, Campinas. Anais. Campinas: Junqueira e Marins Editores, 2012.
- DARIDO, S. C.; SANCHES NETO, L. O contexto da Educação Física na escola. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (Orgs.). **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 50-61.
- FABIANO, R. de S.; ALMEIDA-SCABBIA, R. J.. Atividades educativas para crianças na trilha: caminhos da Mata Atlântica, no Centro de Referência Socioambiental Mata Atlântica (CRSMA), Mogi das Cruzes, SP. **Revista Científica da UMC**, v. 07, n. 02, 2022.
- GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, W. L. de Q.. **Estudo da relação espaço/materiais e o desinteresse na participação nas aulas de Educação Física**. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Educação Física. Universidade Federal do Maranhão, 2019. Disponível em: <<https://rosario.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/4364/1/WinnieRodrigues.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2022.

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítica social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1990.

LOVISOLO, H. **Educação Física: a arte da mediação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARIANO, M.; ALTMANN, H.. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas. **Cadernos Pagu**, n. 46, p. 411-438, jan./abr., 2016.

PRANDINA, M. Z.; SANTOS, M. L. A Educação Física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. **Revista Horizontes**, Dourados, v. 4, n. 8, jul./dez. 2016.

SANTOS, M. F.; MARCON, D.; TRENTIN, D. T. Inserção da Educação Física na área de Linguagens, Códigos e suas tecnologias. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 3, pp. 571-580, jul./set, 2012.

SARMENTO, M. J. **A Construção Social da Cidadania na Infância**. Conferência proferida no IV Congresso da Texto Editora, 2006.

SOUZA LIMA, M. W. **Espaços educativos: usos e construções**. Brasília: MEC, 1998.

TEIXEIRA, A. **Educação não é privilégio**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

TENÓRIO, M. C. M.; TASSITANO, R. M.; LIMA, M. de C.. conhecendo o ambiente escolar para as aulas de Educação Física: existe diferença entre as escolas? **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, n. 17, v. 04, p. 307-313, ago/2012.

WEISS, C. V. et al. A importância da caminhada na perspectiva da equipe de redutores de danos. **Journal of Nursing Health**, Pelotas/RS, n. 01, v. 01, p. 44-49, jan./jun., 2012.

Enviado em 12/01/2023

Aprovado em 06/07/2023